

Identidade, modernidade e deslocamento cultural:
O ecoar do Maracatu Nação em Belo Horizonte ¹

Bruna Vieira Bacelete ²

Resumo

O presente artigo pretende verificar o que leva indivíduos, de realidades sociais distintas, a reproduzirem o maracatu de baque virado – uma manifestação cultural pernambucana – longe de seu contexto social de origem. Para tanto, os processos sociais envolvendo globalização, modernidade, identidade e deslocamento cultural foram utilizados para análise da realidade do maracatu vivenciada em Belo Horizonte. Este estudo foi desenvolvido com base no Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, ao departamento de Ciências Sociais, em junho de 2012.

Palavras-chave: Maracatu; Identidade; Modernidade; Deslocamento cultural.

Para compreender o deslocamento do maracatu nação do seu contexto social de origem para Belo Horizonte, esta pesquisa foi desenvolvida, utilizando conceitos trabalhados na antropologia e na sociologia, como: cultura, identidade, deslocamentos e rearranjos culturais na modernidade. Também foram levantados pressupostos tais como a identificação de indivíduos de realidades sociais distintas com os valores e as crenças que envolvem o maracatu nação que fazem com que a manifestação se propague em diferentes contextos sócio-culturais; o Manguebeat, movimento musical que surgiu no Brasil na década de 1990, em Recife, como difusor do maracatu no mundo, contribuindo assim para a divulgação de tal manifestação cultural em Belo Horizonte e a migração de atores sociais para diferentes regiões, o que pode ter contribuído para a difusão do maracatu nação.

Os métodos da pesquisa qualitativa foram utilizados por estarem baseados na descrição detalhada de situações e por ter como objetivo a compreensão dos indivíduos, a partir da percepção que eles têm sobre a própria realidade social. As técnicas empregadas foram a revisão bibliográfica de trabalhos que tratam sobre o assunto

¹ Este é um Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, ao departamento de Ciências Sociais, em junho de 2012.

² Graduada no Programa de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Puc MG.

proposto, observação do grupo Maracatu Lua Nova, observação do grupo Trovão das Minas, aplicação de entrevistas aos fundadores e atuais coordenadores destes grupos. Além da formação de dois grupos de discussão, um com integrantes do Maracatu Lua Nova, outro com integrantes do grupo Trovão das Minas, em que foram levantadas questões a respeito da importância do maracatu para cada um dos participantes, a forma como eles conheceram essa manifestação, como se identificam com ela, entre outros.

Os objetivos deste estudo, portanto, envolvem o mapeamento dos grupos que reproduziam o maracatu nação em Belo Horizonte no período em que a pesquisa foi realizada (janeiro a junho de 2012) e a análise dos sentidos e significados atribuídos ao maracatu pelos praticantes em Belo Horizonte.

Inicialmente, será tratada a questão da origem do maracatu nação ou de baque virado em Pernambuco; na sequência, será descrito o histórico de como o maracatu passou a ser praticado em Belo Horizonte; seguindo essa ordem serão estabelecidas análises acerca da globalização, modernidade, identidade e diáspora. Por fim, estão dispostas as observações, os resultados e as verificações a respeito das possíveis conclusões encontradas com o desenvolver desta pesquisa, além de apontamentos para estudos futuros.

1- Maracatu: cultura e história

O maracatu é uma manifestação da cultura popular que se originou a partir de cortejos reais, sendo sua prática herdada das festas de coroação de reis negros, eleitos e nomeados na instituição do Rei do Congo. “O rei era acompanhado por um numeroso grupo de negros, vestidos de algodão branco e de cor, com bandeira ao vento e tambores soando”. (PEIXE, 1980, p. 25).

A instituição do Rei do Congo estabeleceu-se em diferentes regiões da América Portuguesa, como Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso, São Paulo e Rio de Janeiro. Esse fenômeno se deu a partir do tráfico de negros, trazidos, principalmente, da África Centro-Ocidental, com o objetivo de potencializar o lucro e o bom funcionamento das colônias lusitanas. Através da instituição do Rei do Congo, os escravos “buscavam romper com a situação de dominação a que estavam submetidos”. (SOUZA, 2006, p. 251).

A organização do Congo foi definida da seguinte maneira:

Cada cabeça de comarca ou distrito paroquial tinha seu rei e rainha, competente cortejo de uma corte particular e, procedida a eleição, lugar o ato

solene de coroação e posse no dia de N. S do Rosário, impondo a coroa o pároco da freguesia.

(COSTA *apud* PEIXE, 1980, p. 16).

Guerra Peixe esclarece que tais agrupamentos eram constituídos por escravos que, em contraposição à vontade da monarquia branca, reuniam-se com o intuito de criar uma organização hierárquica, preservando o sentido de unidade entre eles. “nações eram subdivisões dos negros em grupos estendidos na zona onde um rei exercia autoridade máxima. Elas comporiam o grosso da instituição, com cargos gradativamente mais modestos, até alcançar o elemento mais obscuro do conjunto”. (PEIXE, 1980, p. 18).

As nações tinham a função de “abrilhantar” o cortejo realizado nos dias de coroação do Rei do Congo, quando os negros dançavam, tocavam instrumentos e cantavam cantigas africanas ou africanizadas. Em Recife, as nações eram constituídas por pessoas de diversas origens, especialmente banto, em sua maioria angolana. (PEIXE, 1980).



Foto: Pedro Thiago – Recife

Peixe (1980) define a “Instituição do Rei do Congo” como sendo a representação do valor hierárquico-administrativo, enquanto que o “auto dos Congos” seria a representação festiva, com teatro, música e dança. O desaparecimento da instituição fez com que, aos poucos, o auto dos Congos fosse se declinando, permanecendo apenas o cortejo que, posteriormente, em Pernambuco, viria a ser chamado de Maracatu.

Os festejos originados das organizações dos negros passaram a acontecer aos domingos, dias festivos, antes e durante o carnaval, no qual os grupos de Maracatu se organizavam em associações carnavalescas, o que acontece até os dias de hoje. (PEIXE, 1980). Atualmente, os maracatus, denominados nação, ainda mantêm alguns dos

costumes do auto dos Congos, sendo o folguedo marcado pelas relações hierárquicas de sucessão entre seus participantes.

Em função da extinção do Rei do Congo e, em seguida, do auto dos Congos, os membros das nações ficaram responsáveis por preencher os cargos nos cortejos realizados. Dessa forma, acredita-se ser esse o motivo da manifestação ser reconhecida também como nação ou maracatu nação. A seguir, algumas definições a respeito da etimologia da palavra maracatu.

De acordo com Guerra Peixe, a denominação da palavra maracatu apareceu pela primeira vez em 1867, assinada por Padre Lino do Monte Carmelo Luna. No entanto, a manifestação também já havia sido denominada de “afoxé”.

Katarina Real, em seu trabalho realizado em 1967, diz que a etimologia da palavra maracatu ainda não teria sido esclarecida. “A palavra maracatu tem sempre provocado grande confusão a respeito do verdadeiro significado de tais grupos, e a etimologia da palavra ainda permanece sem clarificação depois de longos debates”. (Real, 1967, p. 68).

Em pesquisas mais recentes, como o artigo de Nascimento (2006), nota-se não terem sido encontradas explicações que contemplassem de maneira exata tal aspecto. Diante disso, é importante observar que há discordância sobre o significado etimológico da palavra maracatu, entre os autores que se propuseram a discutir o tema, desde os primeiros estudos realizados até este último apresentado.

Nascimento (2006) aponta algumas explicações a respeito da origem da expressão. A primeira explicação sustenta-se na ideia de que sua procedência seria africana, tendo sido pesquisada no Museu do Dundo, na Companhia de Diamantes de Angola). “O termo maracatu designa ainda hoje uma dança praticada pela tribo dos Bondos, os quais viviam, na época da colonização portuguesa, no território da foz do Rio Dande, cerca de cinquenta quilômetros ao norte de Luanda”. (LIMA *apud* NASCIMENTO, 1980, p. 11).

No mesmo artigo há outra possível explicação para o termo, sendo o folguedo nomeado da seguinte forma: “marã indica guerra, revolução, Maracatu por assimilação significando briga bonita”. (MELO *apud* NASCIMENTO, 1997, p. 29).

Real (1967) chama a atenção para a existência de dois tipos de maracatus presentes no Recife, sendo eles o maracatu nação, conhecido também como maracatu de baque virado, e o maracatu de baque solto, que pode ser chamado de maracatu rural ou

de orquestra. Esse teria surgido posteriormente, sendo o maracatu nação reconhecido como “tradicional”.

A palavra maracatu, então, é utilizada para nomear duas brincadeiras distintas em Pernambuco. Atualmente, o maracatu nação ou de baque virado se organiza em agremiações carnavalescas e compõe o carnaval no estado, sendo encontrado, principalmente, em Recife.

Um importante ponto a ser destacado em relação a essa manifestação é o envolvimento com a questão religiosa. Grande parcela dos participantes é “iniciada nos Xangôs”, religião afrobrasileira, praticada em Recife. (PEIXE, 1980). Estudos mostram ainda que “as Nações tendem para uma ligação mais ou menos estreita com os cultos de Xangô (candomblé) da cidade, especialmente os de influência Nagô”. (REAL, 1967, p. 80). O canto e o toque do maracatu nação também estão diretamente relacionados à sua origem africana.



Foto: Pedro Thiago – Recife

O cortejo carnavalesco das nações envolve uma série de elementos e figuras particulares que possuem funções e significados específicos. Peixe (1980) afirma que o Maracatu Elefante seria “um dos maracatus antigos, que melhor atenta às tradições do cortejo” (p. 33). Portanto, é com base na nação Elefante que o autor descreve o cortejo real como composto por:

Rainha, Rei, Dama-de-Honra da Rainha, Dama-de-Honra do Rei, Princesa, Príncipe, Dama-de-Honra do Ministro, Ministro, Dama-de-Honra do Embaixador, Embaixador, Duquesa, Duque, Condessa, Conde, Vassalal (quatro), Vassalos (quatro), Três Calungas (Dom Luís, Dona Leopoldina, Dona Emília), Três Damas-de-Paço, Mestre-de-Sala, Porta-Estandarte, Escravo, o Tigre e o Elefante, Guarda Coroa, Corneteiro, Baliza, Secretário, Lanceiros (treze meninos), Brasabundo, Batuqueiros (quinze músicos), Caboclos (vinte, mais ou menos), Baianas (vinte, formando duas alas). (PEIXE, 1980, p. 35).



Foto: Pedro Thiago – Recife

O maracatu, atualmente, é uma importante manifestação no cenário cultural da cidade do Recife. Os maracatus nação e rural passaram por diversos processos até atingirem a visibilidade que possuem na contemporaneidade. Para a compreensão da situação na qual a manifestação se encontra, nos dias de hoje, em Belo Horizonte, será descrito a seguir um breve histórico a respeito do surgimento dos primeiros grupos de maracatu na capital mineira.

2- Maracatu do baque virado: surgimento e difusão em Belo Horizonte

Manifestação típica da cultura popular pernambucana, o maracatu de baque virado se estabeleceu em Belo Horizonte a partir de 1999. Nessa época, foram promovidas as primeiras oficinas de maracatu na cidade. A cultura popular pernambucana, como um todo, passava por um processo de grande divulgação e efervescência, não só em Belo Horizonte, como também em várias cidades do Brasil, podendo esse fato ser compreendido a partir do surgimento do movimento Manguebeat.

Essas oficinas de maracatu aconteceram na antiga casa de eventos Lapa Multishow e foram ministradas pelos músicos Éder o “Rocha” e Maurício Alves, ambos pernambucanos e integrantes da banda Mestre Ambrósio. A proposta era de que acontecessem durante um período determinado, tendo duração de poucos dias. Durante esse mesmo período, ocorreram apresentações do grupo de maracatu Baque Bolado³, na cidade de São João Del Rey.

Pessoas envolvidas na cena cultural de Belo Horizonte viram essas apresentações e se interessaram pelo ritmo tocado, o que fez com que se aproximassem de integrantes do grupo. Estabelecido o primeiro contato, o grupo Baque Bolado, de São Paulo, foi convidado a tocar em Belo Horizonte na festa Cabaré Circense. Ela acontecia na Espaço Escola de Circo, a partir de uma iniciativa que envolvia grupos de circo da cidade, entre eles o Trampulim, importante peça na articulação da primeira vinda do Baque Bolado a Belo Horizonte.

O músico, baterista e percussionista Lenis Rino fazia parte do grupo Baque Bolado e, juntamente com outros integrantes, realizou oficinas de maracatu em Belo Horizonte. Em meio a esse processo, Lenis, que morava em São Paulo, se mudou para a capital mineira, o que possibilitou a continuidade e constância das oficinas de maracatu na cidade.

Mais oficinas foram realizadas, formando-se uma turma de alunos regular e frequente. No ano de 2001, foi inaugurado o espaço cultural Gonguê, fundado por Lenis Rino e parcerias. O espaço se localizava no bairro Carlos Prates e surgiu com o objetivo de ser um centro de percussão e criação musical. Lá acontecia o estudo de manifestações populares, tais como o maracatu de baque virado, tambor de crioula⁴, capoeira e circo.

A partir das oficinas, o grupo se consolidou e se desenvolveu, surgindo convites para apresentações, que evidenciaram a necessidade de criação de um nome. O grupo, então, passou a se chamar Trovão das Minas. A palavra “trovão” é comum entre as nações de maracatu de baque virado, sendo usada como um apelido para a percussão. No caso do grupo, “trovão” é também das Minas, pois se refere às minas de minério e de água.

³ Baque Bolado é um grupo de artistas criado em 96, pela necessidade de se movimentar a criatividade urbana a partir da diversidade da cultura brasileira.

⁴ Manifestação da cultura popular maranhense de origem africana, envolvendo dança e tambores afinados a fogo.

No Recife, tem-se como exemplo a Nação Estrela Brilhante, também chamada por seus integrantes de Trovão Azul. O fenômeno natural, o qual a palavra “trovão” denomina, produz um som que se assemelha ao grave dos tambores e para essa nação a referência à palavra azul ocorre em função da simbologia da cor utilizada nos uniformes dos seus batuqueiros.

Em entrevista concedida à autora em 2012, Lenis Rino explica a origem do nome:

Na verdade, trovão é um apelido de baque, né?! Trovão, manada de elefante, isso é um apelido de baque, entendeu?! Trovão é igual. O Trovão Azul é uma estrela brilhante, entendeu?! Trovão é como se fosse um baque, aquele barulho de longe, então não é um nome que eu inventei, trovão é meio que já uma referência de longe, parece um pouco “brum” por causa do grave e aí é das Minas Gerais, mas também minas de minério, mas as minas de água mesmo. (BACELETE, 2012).

Com o fortalecimento das oficinas e a constituição do grupo como tal, foram assumidos elementos específicos que o caracterizavam, entre eles, a criação do nome Trovão das Minas; os instrumentos tocados, trazidos do Recife; e as referências feitas à nação de maracatu Estrela Brilhante do Recife.

É importante ressaltar a relação do grupo Trovão das Minas com a nação de maracatu Estrela Brilhante do Recife. Lenis Rino, fundador do grupo, estabeleceu uma relação de admiração e respeito por essa nação, referenciado-a no grupo Trovão das Minas. Isso pode ser percebido nas loas cantadas e convenções rítmicas criadas pela nação Estrela Brilhante do Recife, incorporadas pelo grupo Trovão. A instrumentação utilizada pelo Trovão das Minas também segue o padrão e o modelo dos instrumentos utilizados por essa nação.

Lenis, que já era músico quando começou a se envolver com o maracatu, foi aluno de Éder, que por sua vez foi aluno de Walter de França, mestre da percussão da nação Estrela Brilhante de Recife.

A partir desse movimento de busca pelo conhecimento sobre o maracatu, as pessoas envolvidas com a manifestação em Belo Horizonte começaram a ir para Recife pesquisar sobre a nação Estrela Brilhante e sobre o maracatu como um todo, tendo ocorrida a primeira viagem com essa intenção em 2002. A partir daí, por diversas vezes, os integrantes do grupo Trovão alugaram casa no bairro⁵ Alto José do Pinho, onde fica a

⁵ O Alto José do Pinho é um bairro que fica localizado na zona noroeste da cidade do Recife e é reconhecido pela sua multiplicidade cultural, onde é possível encontrar diversas manifestações da cultura popular pernambucana. O bairro é sede da nação de maracatu Estrela Brilhante do Recife, do caboclinho Tapiracé e Tupã, da escola de samba Gigantes do Samba, do afoxé Ylê de Egbá, dentre outros grupos de

sede do Estrela Brilhante de Recife. As viagens se tornaram constantes e seguem acontecendo, envolvendo diferentes grupos que se envolvem com a manifestação.

Durante a primeira viagem, alguns integrantes do Trovão começaram a buscar e pesquisar outros maracatus além da nação Estrela Brilhante. Essa busca aconteceu de forma natural, quando essas pessoas, envolvidas em meio à multiplicidade de maracatus e manifestações existentes na cidade, sentiram a curiosidade e necessidade de conhecer outras nações, como lembra um entrevistado no trecho abaixo:

Em 2002, quando a gente foi para Recife, a gente mudou um pouco o conceito que a gente tinha de maracatu. A ideia nossa de maracatu acho que mudou quando a gente viu a diversidade que existe dentro do maracatu. Aí, a gente começou a levantar algumas questões e partir para uma outra forma de se tocar o maracatu e de se viver o maracatu. (BACELETE, 2012).

André Salles-Coelho e Tereza Moura estavam entre as pessoas que buscaram conhecer outras nações. Eles eram integrantes do Trovão das Minas e, a partir dessa busca, passaram a perceber o maracatu de forma diferente da que eles, até então, tinham contato. André conta que isso o fez refletir sobre sua opinião quanto ao que achava mais interessante em relação aos tipos de maracatus existentes em Recife. Divergências quanto ao estilo assumido pelo Trovão das Minas fizeram com que André e Tereza deixassem o grupo no ano de 2002, lembrado pelo trecho da entrevista a seguir.

Foi 2002 que a gente foi para Recife a primeira vez e aí, lá em Recife, a gente acabou conhecendo outros grupos, assim, a gente começou a se identificar mais com esses grupos, Leão Coroado, Elefante, é, o Almirante do Forte, o Encanto da Alegria esse ano a gente não conheceu, e do quê, é, o Estrela Brilhante e o Porto Rico. Então a gente começou a ver que tinha uma outra, uma outra linha de pensamento sobre fazer o maracatu e, que por acaso, eu gostava mais dessa linha de pensamento. Aí, mais ou menos em agosto de 2002 também, exatamente uns dois anos depois [da fundação] eu saí do Trovão. (BACELETE, 2012).

Ao saírem do Trovão das Minas, André Salles-Coelho e Tereza Moura passaram a tocar com outro grupo em praças de Belo Horizonte. André possuía os instrumentos necessários para tocar e, dessa forma, continuou sua pesquisa com o maracatu. Com isso, reuniu um determinado número de pessoas que passaram a frequentar esses encontros. Eles foram chamados para participar da festa do grupo Encaixa Couro –

manifestações populares. Além disso, serviu de palco para o surgimento de importantes bandas da cena cultural do Recife, como Faces do Subúrbio, banda de rap formada inicialmente pelos rappers Tiger e Zé Brown, e a banda de hardcore Devotos, reconhecida na cena punk rock.

Brincadeiras Populares⁶. Nessa circunstância, o grupo, que até então não tinha um nome, passa a ser chamado de Maracatu Lua Nova.

O nome surgiu a partir de uma combinação de significados, como a inspiração em nações de maracatu que fazem menção a eventos celestes, a exemplo da nação Estrela Brilhante e da nação Sol Nascente. Outra explicação está relacionada à letra de uma música do domínio público, que remete à “lua nova”, explicitada pelo entrevistado a seguir.

Na verdade a gente pensou assim, maracatu ou é nome de bicho, né, Leão Coroadado, Elefante, ou é um nome de, é, como é que é? Nome de eventos celestes, Estrela Brilhante, Estrela de Igarassu, ou Sol Nascente. Então, teve essa história, então eu gosto de muitos nomes e eu gosto dessa, desse nome, porque tem uma música do Villa Lobos que é assim: ‘Estrela no céu é lua nova carregada de ouro macumbê, olha macumbê’. Na verdade não é do Villa Lobos, ela é harmonizada pelo Villa Lobos, mas eu gosto muito dessa música. (BACELETE, 2012).

Em 2003, o grupo Lua Nova ainda ensaiava em praças de Belo Horizonte e a cada ensaio era combinado em qual praça seria o próximo. O grupo sustentou essa situação até o ano de 2004, quando conseguiu sua sede que fica no bairro Aparecida.

3- O popular e o identitário: pertencimento e diásporas

O maracatu nação é uma manifestação cultural detentora de linguagem, símbolos e significados específicos. Nessa etapa, serão estabelecidos diálogos entre o popular e o identitário, o pertencimento e as diásporas. Tais diálogos se realizarão com o intuito de esclarecer como e porquê ocorreram e ocorrem deslocamentos da manifestação (maracatu nação) para outros locais, no caso do presente trabalho, para Belo Horizonte.

O conceito de cultura vem sido debatido por diversos estudiosos das áreas de ciências sociais através de múltiplas perspectivas. Matta (1981) analisa que a palavra tem sido utilizada a partir de dois principais significados. O primeiro deles está relacionado à ideia de sabedoria, educação e sofisticação. Nesse caso, cultura refere-se ao número de leituras, capacidade de organização de informações, conhecimento de diferentes línguas, saber acadêmico e a inteligência de algum indivíduo ou povo que a detém e enquadra-se em categorias do senso comum, sendo seu uso corriqueiro na vida cotidiana.

⁶ O grupo de Belo Horizonte que se localizava no bairro Horto e pesquisava manifestações populares tais como: cacuriá, bumba-meu-boi, tambor de crioula, entre outras.

O segundo sentido toma sentido mais amplo, entendendo que a cultura se refere à interpretação da vida social. No sentido antropológico dado à palavra, “cultura” deixa de ser “uma hierarquia de civilização” e passa a ser entendida como o “viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa”. (MATTA, 1981, p. 2).

Cultura, para a antropologia social e sociologia, está relacionada aos códigos e significados que orientam a forma de pensar, agir, compreender e modificar indivíduos e o mundo ao qual pertencem. O fato de um conjunto de indivíduos compartilharem determinados códigos, mesmo tendo interesses distintos, é o que os torna capazes de conviverem juntos, criando assim um sentido de unidade entre eles. (MATTA, 1981).

As culturas possuem regras finitas, mas seu desenvolver não, ela está suscetível a rearranjos que só podem ser analisados a partir da prática. (MATTA, 1981). Partindo desse ponto, a compreensão do significado de cultura pode ser feita através da perspectiva denominada significacional, na qual as possibilidades e variações estabelecidas a partir de sua execução não estão limitadas a códigos pré-determinados. Os sujeitos tornam-se “agentes de enunciação”, capazes de criar novos sentidos, rompendo com a condição de seres passíveis, com as estruturas e os significados pré-estabelecidos. (BARROS, 1993).

A partir do momento em que mais pessoas passaram a aprender e a praticar o maracatu em Belo Horizonte, a compreensão dessa manifestação pode ser feita através da perspectiva da cultura significacional. Nesta, a diversidade de possibilidades em relação à execução daquilo que está pré-determinado é possível e, assim, a cultura passa a ser entendida não mais a partir de códigos previamente estabelecidos e sim através da dinâmica cultural. (BARROS, 1993).

A dinâmica cultural no que diz respeito ao maracatu em Belo Horizonte também pode ser percebida em relação à observação rítmica dos dois grupos: percebe-se claramente a influência da nação Estrela Brilhante de Recife, no grupo Trovão das Minas. O Estrela Brilhante tem como característica a execução da percussão em um tempo mais rápido que grande parte das nações em Recife e o grupo Trovão apresenta a mesma característica em seu desempenho musical. Em contrapartida, o Maracatu Lua Nova, que tem como uma influência nações como Leão Coroado, toca em um ritmo menos acelerado e com outras características rítmicas e melódicas.



Foto: Sandra Leão – Belo Horizonte

As diferenças entre os dois grupos de maracatu existentes em Belo Horizonte não se limitam à questão rítmica e instrumental, elas dizem respeito também à forma como se dá a organização dos indivíduos e suas relações sociais.

O grupo Trovão das Minas é composto, em sua maioria, por jovens, homens e mulheres, profissionais liberais, estudantes de música e da classe média, que se encontram uma vez por semana no local de ensaio para tocar maracatu. O Maracatu Lua Nova é composto por pessoas de variadas idades, principalmente crianças e adolescentes, homens e mulheres, moradores de uma mesma comunidade, situada em Belo Horizonte, na qual estão em contato diário e, em muitos casos, possuem ligação de parentesco.

Dessa forma, os grupos de maracatu existentes em Belo Horizonte podem ser analisados a partir da concepção de cultura nas sociedades complexas. Este conceito deve ser compreendido a partir da ideia de heterogeneidade, tendo como fator determinante não só a questão da diversidade e multiplicidade, mas também as situações de contato e trocas nas quais os indivíduos se encontram. (BARROS, 1991).

Através dos processos comunicacionais, as diferenças podem ser retomadas não mais como “sobrevivências ou particularidades isoladas”, mas sim através da possibilidade de oposições ou aceitações, que estão relacionados aos possíveis rearranjos referentes à dinâmica das relações de classe entre os grupos sociais. (BARROS, 1993).

Os integrantes dos dois grupos se aproximaram da manifestação, identificando-se com ela por diferentes motivos e em variadas situações, o que evidencia a questão da identidade como algo múltiplo. Porém, nota-se que grande parte dos envolvidos chegou até o maracatu por meio de um interesse em comum pela música.

Esse foi o caso dos fundadores dos dois grupos existentes na cidade, tanto o fundador do Trovão das Minas, quanto o do Maracatu Lua Nova, inicialmente se aproximaram do maracatu por serem profissionais da música. Também foi esse o motivo que levou os dois atuais coordenadores do grupo Trovão das Minas a se envolverem com a manifestação, abaixo o depoimento de um deles:

Eu conheci o maracatu porque eu estava numa busca enquanto estudante de percussão, eu estava em busca dos ritmos da cultura popular. Teve a ver com a minha caminhada profissional, com minha busca de aprendiz. Teve a ver com buscar os ritmos brasileiros para se um dia eu fosse sair do Brasil, eu sair do Brasil com um pouco do Brasil. O objetivo era esse. (BACELETE, 2012).

Nota-se ainda que alguns dos integrantes do Lua Nova e do Trovão das Minas, embora não sejam profissionais da música, a princípio também se envolveram com o maracatu por meio do interesse musical. A seguir, o depoimento de um integrante de cada grupo:

(Integrante do Maracatu Lua Nova): Para mim, é mais pelo fato de tocar. Da primeira vez que eu vi, eu achei legal eles tocando, aí eu passei a vir para aprender a tocar mesmo.

(Integrante do Trovão das Minas): Minha relação é mais musical, porque às vezes até falta um conhecimento da história do maracatu, por não ter convivido lá em Recife, na origem, e da nação Estrela Brilhante de Recife, que a gente segue mais. (BACELETE, 2012).



Foto: Pedro Thiago – Recife

Embora o interesse inicial, principalmente daqueles que fundaram e coordenam os dois grupos, tenha partido da relação com a música, o contato e as trocas estabelecidas com o universo da manifestação permitiram-lhes uma identificação com os sentidos atribuídos a ela. Isto não faz com que todos os integrantes dos grupos assumam as crenças, os símbolos e os valores ligados à manifestação, que ganham papéis diferentes para cada um dos integrantes, em função da multiplicidade das identidades dispostas nos grupos.

No caso do Maracatu Lua Nova, o fundador incorporou ao grupo elementos próprios do maracatu nação de Pernambuco, convidando sua mãe de santo, pois é praticante do candomblé, para ser rainha do Lua Nova. Também levou até Recife pessoas do terreiro que frequentava em Belo Horizonte para ajudá-lo na pesquisa das calungas⁷ e inseriu a presença das catirinas⁸ e do porta-estandarte, além de se reconhecer como Maracatu Lua Nova, não como um grupo de percussão. No entanto, o responsável por esse grupo e seus integrantes também reconhecem que a manifestação se apresenta em Belo Horizonte de forma diferente do que é em Recife. O depoimento de um dos integrantes, abaixo, trata dessa questão:

Eu me identifico com o de lá, mas a gente trabalha o nosso aqui. Eu acho que lá é diferente, a crença deles lá é a crença deles lá. Até assim, o ritual, tudo é diferente. O nosso aqui acabou que ele tem um outro contexto, uma outra forma, é mais mineiro. Nós somos mineiros e a nossa crença é mineira. Mas é correspondido. E identifico lá, como assim, respeito e identifico, né, gosto. Mas o que a gente cultua aqui é o nosso. É o Lua Nova. (BACELETE, 2012).

No Trovão das Minas, desde sua fundação, os responsáveis sempre deixaram claro que aquele era um grupo de percussão que pesquisava o ritmo do maracatu. No entanto, o envolvimento com a nação Estrela Brilhante de Recife, através dos intercâmbios – dos integrantes da nação que vêm a Belo Horizonte e dos participantes do Trovão que vão a Recife – fez com que esses se identifiquem com os símbolos atribuídos à manifestação em seu local de origem, a partir das trocas identitárias resultantes da possibilidade de comunicação. A respeito da experiência com o maracatu, o fundador do grupo conta:

⁷ Bonecas sagradas que ficam a frente da percussão no maracatu e representam os antepassados pretos e mestiços do cortejo, elas carregam ou “incorporam” espíritos protetores.

⁸ Mulheres responsáveis pela dança do maracatu em apresentações, juntas formam um cordão que abre caminho para a corte real, dançando com passos específicos.

Eu nunca montei um Maracatu, nunca quis montar um Maracatu, eu sempre montei um grupo de percussão, um grupo de baque virado. Nunca quis montar um Maracatu, principalmente pelo compromisso religioso que você tem que ter. Eu me identifico, mas eu não tenho um cacife suficiente pra suportar e ter um compromisso com o terreiro, tem que ter assentamento (...). Então voltando ao princípio dessa volta, é isso, eu me identifico sim, respeito e quando eu tô lá eu também sou devoto, mas eu não vou ter o compromisso religioso pra montar um grupo, entendeu? (BACELETE, 2012).

A antropologia tem analisado os processos que compreendem a construção identitária de um indivíduo grupo ou até de uma sociedade. Percebe-se que essa construção tem sido realizada de forma simultânea em muitos locais e se apresenta de formas distintas, o que possibilita a análise de como as identidades individuais e coletivas se negociam. Assim, “a identidade longe de revelar uma ‘essência irreduzível’, se consolida como um ‘fluxo multifacetado sujeito a negociações e rigidez’ variáveis com o contexto interativo”. (BARROS, 1991, p. 11).

Os variáveis contextos interativos possibilitaram que a identificação dos integrantes do grupo Trovão das Minas e do Maracatu Lua Nova resultasse em distintas formas de execução do maracatu em Belo Horizonte.

Talvez a identificação com as crenças e com os símbolos do maracatu em Pernambuco não tenha sido o principal agente influenciador para migração do maracatu de baque virado à capital mineira. Porém, a permanência dessa manifestação na cidade está relacionada ao sentido que o maracatu passou a ter na vida dessas pessoas, que anteriormente não tinham o contato com ele por não fazerem parte do seu contexto social de origem. Abaixo, depoimento de um dos responsáveis, atualmente, pelo grupo Trovão das Minas:

O maracatu atualmente para mim é a minha definição, é minha vida, sem o maracatu, assim, acho que não sei o que eu seria hoje. Eu estudei comunicação em BH, tinha uma época que eu era meio perdido e tal. Mas o maracatu foi o responsável por salvar minha vida no momento, me retomar a música, que é a coisa mais importante, coisa que eu mais amo na minha vida, e retomou minha autoestima, retomou várias coisas, me abriu mais a visão, eu aprendi cada vez mais, tanto musicalmente, tanto culturalmente de coisas, informações, teorias, livros que eu li, coisas que eu fui consumindo, músicas novas que ia escutando. Quanto mais eu ia sabendo, quanto mais eu achava que eu sabia, mais coisa eu descobria e até hoje descobro. E acho que hoje representa minha vida. (BACELETE, 2012).

Outro elemento importante para divulgação do maracatu em Belo Horizonte foi a influência do movimento Manguebeat. Este movimento musical misturava ritmos do

maracatu e teve grande visibilidade na década de 1990, período próximo à migração para Belo Horizonte.

O Mangubeat surgiu na cidade de Recife, ganhando força, em 1991, através do Manifesto “Caranguejos com Cérebro”, em que um grupo de jovens músicos, interessados por diversos gêneros musicais, reuniu-se com o objetivo de fazer o resgate de elementos da cultura popular pernambucana, propondo novas produções musicais. (JÚNIOR, 2006). Esse movimento combinava subsídios específicos de uma cultura local com a cultura musical internacional disponível no mercado.

Os processos globalizantes e modernizantes, vivenciados pela sociedade, são responsáveis pelo o que Antony Giddens chamou de “mecanismos de desencaixe”, sendo esses o deslocamento das relações sociais do contexto original de interação para outros locais. Com isso, a globalização proporciona a conexão entre o local e o global, possibilitando transformações na autoidentidade dos indivíduos. (GIDDENS, 2002).

Mudanças e transformações rápidas e constantes são aspectos presentes na modernidade, sendo estes os principais elementos que a diferenciam das sociedades tradicionais, em que a valorização do passado é ressaltada referenciando a experiência de gerações. Tais mudanças foram chamadas também de “desalojamento do sistema social”, no qual as relações sociais deslocam de seus contextos originais de interação e se reestabelecem em escalas indefinidas quanto ao tempo e espaço. (HALL, 1997).

No caso do Mangubeat, os jovens envolvidos neste movimento fizeram um resgate da cultura regional, tal como o maracatu, o coco, a embolada, a cantiga de roda, entre outros, e misturaram esses ritmos à cultura pop mundial, como rap, rock, reggae. (CALLAZANS, 2008).

Com a otimização dos meios de comunicação e a possibilidade de conexão entre indivíduos de locais distintos, percebe-se que o movimento Mangubeat foi capaz de mostrar a pessoas de diferentes culturas aquilo que antes só se praticava em Pernambuco. No caso específico da migração do maracatu para Belo Horizonte, isso fica claro no depoimento de alguns integrantes do grupo Trovão das Minas, que contam a influência da banda Chico Science & Nação Zumbi em seu interesse pelo maracatu. Abaixo o depoimento de um deles:

Oh, eu sou fã de Nação Zumbi até hoje. Eu lembro a primeira vez que ouvi, lá em 94, quando eles lançaram aquele primeiro disco lá, ‘Da Lama ao caos’. Quando o Nação Zumbi lançou o disco eu conheci, fui num show em BH e tal. Não acreditei naquelas alfaias, os caras tocando tudo de óculos escuro. E aquela performance do Chico Science, as roupas que eles usam de caboclos

de lança em algumas músicas, porque Nação Zumbi, eles tocam coisas que remetem ao maracatu de baque virado, mas eles usam vários elementos, vários elementos. Eles até falam de afrofuturismo, afroculturismo. A galera viaja numas ondas. Nação Zumbi eles são plurais demais com as influências de Pernambuco e adjacências. E aí, quando eu ouvi o som das alfaias no palco, com aquele som daqueles caras, sensacional, todos os instrumentos são legais demais. Aquela combinação, eu gostava de rock e aí eu vejo aqueles tambores, sempre gostei de tambor. E aí, me pegou legal. Quando eu ouvi, quando eu vi isso mais perto, que foi a oportunidade de fazer uma oficina, tocar aquele instrumento que eu pirei no palco. Eu falei ‘cara, eu vou fazer isso’, porque aquele som toca no meu coração. (BACELETE, 2012).

Os processos modernizantes disponibilizam tecnologias que proporcionam a conexão de atores sociais através de avanços dos meios de comunicação e da facilidade de circulação pelo mundo. Com isso, as identidades culturais passam a ser escolhidas pelos indivíduos. (MATHEWS, 2002). Em culturas diferentes, são encontradas variadas formas de construção do identitário, o “eu pós-moderno” não está restrito a nenhuma cultura em particular.

Mathews (2002) argumenta que todos estão expostos a três níveis de formação do “eu” ou construção da identidade na pós-modernidade. São eles: formação do indivíduo a partir de uma determinada linguagem e práticas sociais, que nos condicionam em relação a como entendemos o mundo; formação cultural a partir do chamado “Shikta Ga Nai”, que se refere a uma expressão japonesa com o significado “não há como evitar”, está relacionado a pressões sociais e institucionais sobre os sujeitos que não podem ser totalmente evitadas; e o terceiro e último nível, que é tido como superficial, em que o indivíduo é livre e consciente para escolher os ideais que deseja viver.

Esses níveis de formação do “eu” estão dispostos em ordem: o que se faz sem pensar, o que se faz porque deve ser feito e o que se escolhe fazer. O nível relacionado ao supermercado cultural global pode substituir e abafar os significados atribuídos à identidade nacional e identidade étnica, ganhando cada vez mais força na sociedade pós-moderna. Isso acontece devido às intensas possibilidades de trocas e mobilidade dos indivíduos no mundo globalizado, tecnológico, rico em instrumentos de comunicação e transporte. (MATHEWS, 2002).

Através dos processos globais modernizantes, os indivíduos são expostos às denominadas “zonas de contato”, que se referem à “coopresença espacial e temporal dos sujeitos, anteriormente isolados, por disjunturas geográficas e históricas (...) cujas trajetórias agora se cruzam”. (HALL, 2003, p. 31).

Na verdade, as “zonas de contato”, concebidas a partir dos processos globalizantes, vêm se estabelecendo desde os períodos de exploração e conquistas europeias através da formação dos mercados capitalistas. Hall (2003) faz uma análise de como as identidades são consentidas no mundo atual, após passados longos anos em que ocorreram esses processos, resultando em intensos fluxos migratórios.

Para compreender a construção identitária de indivíduos, em regiões diferentes das originais, é importante que fique claro o conceito de diáspora. Este se apoia “sobre uma concepção binária de diferença” e está relacionado ao deslocamento de massas populacionais de determinadas áreas específicas para outras localidades. (HALL, 2003, p. 33).

O autor discute a questão diaspórica a partir dos movimentos migratórios de caribenhos para o Reino Unido. Ele faz uma análise a respeito da cultura e identidade de atores que vivenciam a experiência da mudança territorial, a partir da permanência em contextos espaciais distintos dos de origem.

Através dessa concepção de diáspora, nota-se um entendimento fechado de tribo e pátria. Tal compreensão sobre a identidade cultural implica no fato desta “estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta”. (HALL, 2003, p. 29).

Essa ligação, chamada por Hall de “cordão umbilical”, traduz o entendimento que se tem sobre “tradição”, testada através da fidelidade às origens e à consciência de sua autenticidade. No entanto, essa visão é estabelecida assim como se dá a formação do mito, ou seja, moldando imaginários, influenciando ações e conferindo significado às nossas vidas sem que esse, necessariamente, seja algo que possa ser testado e comprovado a partir de evidências estabelecidas no plano do real. (HALL, 2003).

Com isso, é importante analisar o fenômeno da diáspora cultural como uma subversão dos moldes tradicionais orientados para a nação a respeito da cultura. A globalização cultural, assim como outros processos globalizantes, transmite uma ideia de não territorialidade. As relações de troca entre os indivíduos, envolvendo questões espaciais e temporais, estimuladas por novas tecnologias, contribuem para a desconstrução da relação que se tem sobre a cultura e o lugar de origem. (HALL, 2003).

Para exemplificar tais processos, Stuart Hall cita o caso da música *dancehall*, desenvolvida na Grã-Bretanha e inspirada na subcultura jamaicana, mas que atualmente possui variantes próprias, negro-britânicas, além de locais específicos. Outros exemplos, que se dão a partir da música, são o *jungle music*, em Londres, versões britânicas de

ska, a música *soul* negra, a música *two-tone*, entre o *dub* jamaicano, o *hip-hop* de Atlantic Avenue, o *gangsta rap* e o *tabla-and-bas*, este último resultado do cruzamento entre o *rap*, o *techno* e a tradição clássica indiana. (HALL, 2003).

Ele explica que a música híbrida, resultado de disseminações culturais, não deve ser analisada através de uma visão centro-periferia ou “baseada simplesmente em uma noção nostálgica e exótica de recuperação de ritmos antigos”. (HALL, 2003, p. 38). Ela é, para além disso, a história da criação de novas culturas, de músicas novas e modernas que utilizam fragmentos e formas tradicionais que, combinados, resultam em estilos musicais específicos.

Ainda que o maracatu não tenha chegado a Belo Horizonte por meio de movimentos de diáspora, contou com a migração de uma pessoa em especial, responsável pela constância e continuidade da pesquisa desenvolvida na cidade. Embora Lenis não seja pernambucano, teve ligação direta com pernambucanos que se mudaram para a cidade de São Paulo, onde passaram a dar oficinas de maracatu. Abaixo, depoimento de um dos integrantes do grupo Trovão das Minas a respeito deste fato:

O mestre Walter, que é o mestre da bateria do maracatu Estrela Brilhante do Recife, ele chamava o Lenis de ‘neto’, porque na verdade ele é ‘pai’ do Éder, que era do Mestre Ambrósio e tal (...). Então, o mestre Walter, é ‘pai’ do Éder Rocha, nessa questão do envolvimento do maracatu, de apresentar e tal. Aí, o Éder foi para São Paulo morar em São Paulo, ele é de Recife também. E lá, ele montou uma oficina de maracatu que rendeu também, gerou o grupo que veio mostrar para a gente [Baque Bolado]. Então, o mestre Walter, é ‘pai’ do Éder, que é ‘pai’ do Lenis, que é ‘pai’ de alguns de nós.

As migrações, sejam elas livres ou forçadas, interferem nas estruturas pré-estabelecidas, o que possibilita a diversificação das culturas e a pluralização das identidades culturais. Assim como a circulação da tecnologia e do capital, a cultura e os diferentes povos, ao longo da história, vêm passando por um processo de ressignificação cultural de forma cada vez mais evidente. (HALL, 2003).

Os processos migratórios e diaspóricos estão relacionados ao maracatu desde sua origem, quando os Reis do Congo vinham da África e se estabeleciam no Brasil, no caso específico aqui tratado, em Pernambuco, realizando as coroações dos reis e das rainhas. A migração está presente na difusão do maracatu em Belo Horizonte, uma vez que pessoas de Recife, envolvidas com essa manifestação, ensinaram o maracatu a outras pessoas, que, posteriormente, se mudaram para Belo Horizonte e passaram a ensinar sobre a manifestação na capital mineira. As trocas culturais ocasionadas em

função do encontro dessas pessoas, que se cruzaram através de processos de migração, possibilitam diferentes identificações e formas de reprodução da cultura.

Em função do contato ocorrido através da migração de indivíduos, as negociações e traduções culturais foram estabelecidas, possibilitando o diálogo entre eles, o que ocasionou em novas leituras do maracatu, longe de seu contexto de origem. Essas releituras ocasionaram ainda em outras, que também migraram para outros locais, o que pode ser percebido no seguinte trecho de entrevista com o fundador do Trovão das Minas:

Porque hoje em dia eu vejo como se fosse uma árvore, a raiz, vários galhos e as ramificações desta planta. Na raiz, está a tradição, nos troncos os maracatus e nos galhos, folhas e frutos já estão essa caminhada já além da tradição. Hoje, você tá lá em Nova Iorque e tem um grupo que usa alfaia; em Belo Horizonte, você passa e vê um cara carregando uma alfaia; você tá em São Paulo tem encontro de Maracatu em São Paulo; tem encontro de Maracatu na Alemanha, entendeu? É um absurdo, assim, um absurdo bom, mas nesse, assim, como tudo, como na capoeira, assim como tudo, tem coisas perdidas por aí, tem coisas que são só citações, tem coisas que são só uma alusão e uma homenagem, tem coisas que são assumidamente um maracatu, tem coisas que são grupo de percussão que usa o maracatu mas que toca coco, que toca num sei o quê. Olha, hoje o maracatu eu vejo ele diluído no mundo inteiro e assim como eu dei o exemplo, uma árvore que tenha mais raízes, assim, aos frutos mais loucos, diferentes, coloridos e experimentais, já híbridos. (BACELETE, 2012).

Utilizando a metáfora proposta pelo entrevistado, essa “árvore” deu frutos em Belo Horizonte, onde vem sendo cultivada a semente do maracatu de baque virado por mais de dez anos. Muitos aspectos contribuíram para chegada e permanência dessa manifestação à cidade. Atualmente, o som do maracatu ecoa nas ruas da capital mineira e se perpetua através daqueles que conheceram e se identificaram pela manifestação.

4- Conclusão

Este artigo se propôs a discutir a respeito da difusão do maracatu de baque virado em Belo Horizonte, na qual se pôde perceber que alguns fatores foram importantes para a vinda e permanência da manifestação na capital mineira.

Notou-se que a identificação com os símbolos e com as crenças atribuídos ao maracatu em Pernambuco contribuiu para propagação da manifestação longe de seu contexto social de origem, ainda que esse fato não tenha sido o único agente influenciador. Tal aspecto pôde ser verificado a partir dos depoimentos concedidos

pelos participantes da manifestação em Belo Horizonte, além de terem sido estabelecidas análises teóricas a respeito dos conceitos de cultura e identidade, compreendidos a partir de sua capacidade de multiplicidade e susceptibilidade à dinâmica social.

Para divulgação do maracatu fora de seu contexto de origem é importante considerar a influência do movimento Manguebeat sobre o fundador do primeiro grupo de maracatu em Belo Horizonte. Ainda que não sejam levados em conta todos aqueles que se disseram influenciados pelo Manguebeat, o qual contribuiu para o interesse daquele que passou a ensinar a respeito dessa cultura na cidade, este teve papel fundamental para a difusão do maracatu em Belo Horizonte. Para além da capital mineira o movimento Manguebeat potencializou a divulgação do maracatu no Brasil e em outras partes do mundo. Fenômeno, este, brevemente analisado neste artigo, com base nas teorias que dizem respeito à globalização, modernidade, identidade e cultura.

A respeito da influência das migrações no processo de divulgação do maracatu, percebeu-se que a manifestação em seu próprio lugar de origem, Recife, se deu a partir de processos de diáspora de negros escravizados que vinham da África para o Brasil e se organizaram através das instituições do Reio do Congo. Por sua vez, em Belo Horizonte, a manifestação desenvolveu-se a partir da migração de indivíduos, fundamentais para sua prática na cidade, o que possibilitou trocas e (re)significações culturais, assim como acontecem nos processos de diáspora.

Por fim, foram levantados apontamentos que podem ser verificados em estudos futuros, sendo eles referentes às possíveis interferências que indivíduos de fora de Pernambuco podem causar nos maracatus de baque virado em seu contexto original. Uma vez que, os processos modernizantes e a possibilidade de identificação cultural facilitam a ida de diferentes pessoas até as nações de maracatu em Recife e essas vêm fazendo isto de forma cada vez mais crescente.

Outro questionamento levantado ao longo deste estudo se refere ao processo de expansão do maracatu de baque virado para além da cidade de Belo Horizonte. No decorrer das entrevistas e das observações feitas, foi notado um considerável número de grupos em diferentes locais, não só no Brasil, mas no mundo todo, formado por pessoas que reproduzem o ritmo do maracatu, atribuindo diferentes sentidos para essa prática. O maracatu rompeu fronteiras geográficas e culturais e atualmente “o som do luar do

tambor”⁹ ecoa no Brasil e no mundo, revelando um universo de novas possibilidades ao que se refere a essa manifestação.



Foto: Andre Sales – Amostra Araxá

⁹ Referência à música cantada pela Nação Estrela Brilhante de Recife.

Referências

BACELETE, Bruna. **Identidade, modernidade e deslocamento cultural**: O ecoar do Maracatu Nação em Belo Horizonte. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012.

BARROS, José. **Velhas e novas questões sobre a cultura e a identidade**. Caderno de Ciências Sociais, n. 3, 1993.

CALLAZANS, Rejane. **Mangue**: A Lama Parabólica e a Rede. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Ed, 1997.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

JÚNIOR, Carlos. **Manguebeat**: A revolução cantada. Recife, 2006.

MATTA, Roberto. **Você tem cultura?** Rio de Janeiro, Jornal da Embratel. 1981.

MATHEWS, Gordon. **Cultura global e identidade individual**: à procura de um lar no supermercado cultural. São Paulo: EDUSC, 2002.

NASCIMENTO, Mariana da Cunha. **Orgulho e preconceito**: considerações iniciais sobre a trajetória do maracatu rural visto pela mídia pernambucana. Caruaru: Veredas FAVIP, 2008.

PEIXE, Guerra. **Maracatus do Recife**. 2. ed. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/Irmãos Vitale, 1980 [1955].

REAL, Katarina. **O Folclore no Carnaval do Recife**. Rio de Janeiro: Massangana, 1967.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis Negros no Brasil escravista**: história da festa de coroação de rei Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2006.